

A B C

DO

BRASILEIRO

Autor: Marcos de Carvalho

Rio de Janeiro, 1967

Amigos, vou lhes contar  
um caso bem verdadeiro,  
uma estória acontecida,  
caso de amor & dinheiro,  
a estória de um zé chamado  
João José Brasileiro.

Berço de ouro êle não teve:  
foi família classe média.  
Viveu como tôda gente  
que é guiada pela rédea  
cujo condutor se esconde,  
contra a regra da comédia.

Criado igualzinho a todos  
meninos de sua classe,  
o Brasileiro educou-se  
(sem que nunca reclamasse)  
pra ter cara de bonzinho  
mas ser malandro e rapace.

Desde o primeiro até o último  
ano em que cursou escola,  
a estudo nenhum nunca  
êle deu a mínima bola,  
pois era sempre aprovado  
usando o truque da "cola".

Estudando assim tão pouco,  
João José diplomou-se;  
foi ser profissional,  
e (brasileiro não fôsse)  
em tudo dava um jeitinho  
e ajeitava tudo doce.

Financeiramente, o Zé  
tinha boa posição.  
Tinha carro, casa própria,  
e não era playboy, não,  
era honesto, e acreditava  
no futuro da nação.

Gordinho, alegre, e casado  
(casado, como convém),  
trabalhava prà família  
e pro Govêrno também,  
não saía da rotina  
e vivia, João-Alguém.

Honesto, sim, êle era:  
mas vez por outra fazia  
seus negócios lucrativos,  
isto é: comprava e vendia  
mais caro, e assim aumentava  
seu capital dia a dia.

(Isto que conto se deu  
na era do Golpe de Abril,  
quando estrêlas amarelas  
brilhavam num céu de anil,  
e a esperança adormecia  
acalentando o Brasil.)

João José Brasileiro  
era espírita & cristão,  
católico não-praticante  
mas tinha religião,  
gostava de futebol  
e via televisão.

Lia pouco: as esportivas  
dos jornais, flôres de gala,  
notícias que se publicam  
em quotidiana fala,  
e tinha biblioteca  
pra enfeitar a sua sala.

Mas não pensem, meus amigos,  
que vou ficar só contando  
como era o Zé: vou contar  
o caso que se deu quando  
tinha que se dar; aquêles  
caso estórico e nefando.

Não teve culpa o José  
no que houve de acontecer.  
Foi que um dia a consciência  
começou nêle a doer  
e êle viu que sempre fôra  
o que não queria ser.

Obrigado a obedecer,  
João José Brasileiro  
nunca tivera um momento  
que fôsse seu, verdadeiro,  
vivera sempre no meio,  
nunca último nem primeiro.

Pobre do João, que pensava  
que era rico, mas não era;  
pensava que tinha tido  
coisas que nunca tivera;  
vivera sempre a esperar  
uma inútil primavera.

Quando viu como era pobre  
seu sonho, tão pouco amor,  
João José Brasileiro  
pra dentro da alma olhou,  
resolveu pôr fim à vida:  
no entanto não se matou.

Resolução momentânea,  
que êle nem tentou cumprir.  
Então disse: "Vou mudar  
tudo e eu, num só porvir!"  
Mas não pôde. À ré voltou-se.  
Voltou. Viveu. E foi, a ir.

Sabem vocês o motivo  
que ao Brasileiro impedia  
de mudar o seu viver  
como achava que podia?  
Era só e simplesmente  
só a sua COVARDIA.

Terminando assim a estória  
do João José Brasileiro,  
termina continuando:  
"unhappy end" inverdadeiro,  
um capítulo inacabado  
e um povo sem paradeiro.

Um dia virá, ?quem sabe?  
em que todos Joões Josés  
farão de suas vidas fatos,  
não não-fatos, como fêz  
o João José dêste a-caso  
que contei para vocês.

Virá o dia em que as palavras  
não mais terão na mentira  
seu sustento quotidiano,  
sua função de ópio sem ira,  
e só a verdade terá  
lugar do cantor na lira.

Xis do problema é saber  
como fazer com que a estória  
de todos os Joões Josés  
das classes que não têm glória  
comece sem se acabar  
e siga junto com a História.

Zés que me lêem: não sei  
dizer o que lhes convém.  
Vocês mesmos saberão.  
O que lhes digo, ouçam, nem  
sei se não é mais que uma frase:  
TRABALHEM, QUE O DIA VEM.

(CONTINUAÇÃO)

2633